

ESCATOLOGIA BÍBLICA

O Estudo do Fim dos Tempos

Apresentação

Você está embarcando numa jornada que irá mudar a sua visão sobre o futuro. Desde a geração dos primeiros apóstolos, o estudo do fim dos tempos, a escatologia, tem fascinado muitas pessoas. A escatologia tem maior relevância para a geração em que vivemos hoje. Estamos bem mais perto deste futuro do que qualquer outra geração da história humana, mesmo que enxergando seis meses ou cinquenta anos no futuro.

De um ponto de vista vantajoso e único da história, podemos olhar com entendimento para as coisas que João registrou no Livro de Apocalipse. A firmeza da compreensão do Apocalipse é vital para cada cristão, sabendo que estamos mais próximos do seu cumprimento. Este curso te ajudará a compreender os conceitos e aumentará o seu entendimento sobre o tempo do fim.

Está vindo um tempo no qual a vida que conhecemos hoje será mudada para sempre. A Bíblia descreve sobre a vinda de um tempo de grande aflição, e nos dá informações suficientes para sobreviver, e até prosperar em meio a esta crise. A questão não é de provisão, e sim preparação. Este curso foi elaborado para ajudar igrejas, grupos pequenos e indivíduos a preparar seus corações para a futura crise que virá sobre a terra. É muito mais do que apenas informação. É sobre estarmos preparados para as promessas bíblicas, a hora mais gloriosa para a Igreja.

MÓDULO 1 – POR QUE DEVEMOS ESTUDAR O FIM DOS TEMPOS?

Este curso é uma introdução ou visão geral de escatologia, o estudo do Fim dos Tempos, elaborado para informar sobre as tendências, as pessoas e os eventos mais importantes e proeminentes no Fim dos Tempos.

Não estou pedindo que aceite minha visão, mas ao invés disto, eu os motivo a desafiá-la com intensidade e ousadia à medida que recusa qualquer idéia que não consegue ver claramente por si mesmo na Bíblia.

A verdade nunca é ferida quando é examinada cuidadosamente, porém, ela é confirmada. Quando temos a verdade somos sustentados por ela, até em tempos de aflição.

Os antigos diziam “seja um bereano”. Esta postura é bastante apropriada quando estudamos a liderança escatológica de Jesus. Os bereanos examinavam as Escrituras a fim de verificar a veracidade das coisas que Paulo ensinava (At 17:10-11).

11 Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim . (At 17:11)

Jesus não é um Papai Noel celestial comprometido em tornar a vida fácil para as pessoas durante esta era. Ele é um Rei-Guerreiro muito zeloso, que está vindo para estabelecer a glória do Seu Pai (Ez 36:22-23), vindicar Sua noiva perseguida (Ap 19:2) e substituir todos os governos malignos da terra.

Portanto, Ele matará multidões de pessoas e esmagará as nações hostis que recusam a Sua liderança, à medida que Ele toma posse do controle da liderança de toda terra (Sl 2:89; 110:6; Is 63:1-6; Ap 14:20).

É muito importante ficarmos fieis ao que a Bíblia nos diz, e não às nossas tradições cristãs e sentimentos religiosos.

Das muitas perguntas que se deparam ao estudioso de escatologia, nenhuma é mais importante que a questão do método empregado na interpretação das Escrituras proféticas. A adoção de diferentes métodos de interpretação produziu as várias posições escatológicas e dá conta das diversas concepções de cada sistema em desafio ao estudioso da profecia.

As diferenças básicas entre a escola pré-milenarista e a amilenarista e entre os defensores do arrebatamento prétribulacionista e os do pós-tribulacionista são hermenêuticas, provenientes da adoção de métodos de interpretação divergentes e inconciliáveis.

I. O Método Alegórico

Um antigo método de interpretação que passou por um reavivamento nos últimos tempos é o método alegórico. A. A definição do método alegórico. Angus e Green definem alegoria da seguinte forma: Qualquer declaração de supostos fatos que aceita interpretação literal e, no entanto, requer ou simplesmente admite interpretação moral ou figurada, é chamada alegoria. E para a narrativa ou para a história o que as figuras de linguagem são para as palavras simples, adicionando ao sentido literal dos termos empregados um sentido moral ou espiritual. Às vezes a alegoria é pura, ou seja, sem referência direta à sua aplicação, como na história do filho pródigo. Às vezes é mista, como no salmo 80, em que simplesmente se insinua (v. 17) que os judeus são o povo que a videira tem por objetivo representar. (Joseph ANGUS & Samuel G. GREEN, *The Bible handbook*, p. 220.)

Ramm define o método alegórico da seguinte forma: "Alegorização é o método de interpretar um texto literário considerando o sentido literal veículo para um sentido secundário, mais espiritual e mais profundo".(RAMM, op. cit., p.21.) Nesse método, o significado histórico é negado ou desprezado, e a tônica recai inteiramente num sentido secundário, de modo que as palavras ou os acontecimentos primeiros têm pouco ou nenhum significado. Fritsch resume esse pensamento assim:

De acordo com esse método, o sentido literal e histórico das Escrituras é completamente desprezado, e cada palavra e acontecimento é transformado em alegoria de algum tipo, já para escapar de dificuldades teológicas, já para sustentar certas crenças religiosas estranhas...(Charles T. FRITSCH, *Biblical typology*, Bibliotheca Sacra, 104:216, Apr., 1947)

Parece que o propósito do método alegórico não é interpretar as Escrituras, mas perverter o verdadeiro sentido delas, embora sob o pretexto de buscar um sentido mais profundo ou mais espiritual.

Os perigos do método alegórico, o método alegórico é repleto de perigos que o tornam inaceitável ao intérprete da Palavra.

O primeiro grande perigo do método alegórico é que ele não interpreta as Escrituras. Terry afirma:

...será imediatamente percebido que seu hábito é desprezar o significado comum das palavras e dar asas a todo tipo de especulação fantasiosa. Ele não extrai o sentido legítimo da linguagem de um autor, mas insere nele todo tipo de extravagância ou fantasia que um intérprete possa desejar. Como sistema, portanto, ele se coloca além de todos os princípios e leis bem definidos. (TERRY, op. cit., p. 224.)

Angus e Green expressam o mesmo perigo quando escrevem:

Existe [...] uma liberdade ilimitada para a fantasia, basta que se aceite o princípio, e a única base da exposição encontra-se na mente do expositor.

O esquema não pode produzir nenhuma interpretação propriamente denominada, embora algumas verdades valiosas possam ser ilustradas. (ANGUS & GREEN, loc. cit.)

1. A citação anterior deixa prever, também, um segundo grande perigo no método alegórico: a autoridade básica da interpretação deixa de ser a Bíblia e passa a ser a mente do intérprete. A interpretação pode então ser distorcida pelas posições doutrinárias do intérprete, pela autoridade da igreja à qual ele pertence, por seu ambiente social e por sua formação ou por uma enormidade de fatores. Jerônimo

... reclama que o estilo mais errôneo de ensino é corromper o sentido das Escrituras e arrastar sua expressão relutante para nossa própria vontade, produzindo mistérios bíblicos a partir de nossa própria imaginação. (Ap. F. W. FARRAR, *History of interpretation*, p. 232.)

Farrar acrescenta:

... Quando o princípio da alegoria é aceito, quando começamos a demonstrar que passagens e livros inteiros da Escritura dizem algo que não querem dizer, o leitor é entregue de mãos amarradas aos caprichos do interprete (Ibid., p. 238.).

2. Um terceiro grande perigo do método alegórico é que não há meios de provar as conclusões do intérprete. Ramm, citado anteriormente, afirma:

Ele não pode estar seguro de coisa alguma, exceto do que lhe for ditado pela igreja, e em todas as eras a autoridade da "igreja" tem sido falsamente reivindicada pela presunçosa tirania das falsas opiniões dominantes. (Ibid)

E acrescenta:

... afirmar que o principal significado da Bíblia é um sentido secundário e que o principal método de interpretação é a "espiritualização" é abrir a porta a imaginação e

especulação praticamente desenfreadas. Por essa razão, insistimos em que o *controle* na interpretação se encontra no método literal.(RAMM, op. cit, p. 65.)

Que esses perigos existem e que o método alegórico de interpretação é usado para perverter as Escrituras é reconhecido por Allis, ele próprio defensor do método alegórico no campo da escatologia, quando diz:

Se a interpretação figurada ou "espiritual" de determinada passagem é justificada ou não depende somente de ela fornecer ou não o sentido verdadeiro. Se for usada para esvaziar as palavras de seu sentido claro e óbvio, privando-as de sua intenção clara, então alegorização ou espiritualização são termos de pejoração bastante merecida. (ALLIS, op. cit, p. 18)

Assim, os grandes perigos inerentes a esse sistema são a eliminação da autoridade das Escrituras, a falta de bases pelas quais averiguar as interpretações, a redução das Escrituras ao que parece razoável ao intérprete e, por conseguinte, a impossibilidade de uma interpretação verdadeira das Escrituras.

O uso da alegoria no Novo Testamento. Para justificar o uso do método alegórico, freqüentemente se argumenta que o próprio Novo Testamento o emprega, por isso, só pode tratar-se de um método justificável de interpretação.

3. Em primeiro lugar, faz-se referência a Gálatas 4.21-31, em que o próprio Paulo teria usado o método alegórico. Quanto a esse suposto emprego da alegoria, Farrar observa:

... alegoria que de alguma forma se assemelhe às de Filo, ou à dos pais, ou à dos escolásticos, só consigo encontrar uma no Novo Testamento [Gl 4.21-31]. Ela pode ter sido usada por Paulo como simples *argumento ad hominem*; não é, de maneira alguma, essencial ao argumento; não tem uma partícula de força *demonstrativa* e, além de tudo, deixa intocada a história real. No entanto, seja qual for nossa opinião sobre a passagem, a ocorrência de uma alegoria na epístola de Paulo não sanciona a aplicação universal do método, assim como umas poucas alusões neotestamentárias a *Hagada* [*Conjunto de tradições narrativas e interpretativas judaicas, algumas delas lendárias, associadas às narrativas do Antigo Testamento. (N. do T.)] não nos obrigam a aceitar todos os *Midrashim* [** Interpretações rabínicas em que sentidos secundários e esotéricos eram propostos para passagens do Antigo Testamento. (N. do T.)] rabínicos, nem umas poucas citações de poetas gregos provam a autoridade divina dos escritos pagãos... (FARRAR, op. cit., p. xxiii)

Gilbert, seguindo a mesma linha, conclui:

Uma vez que Paulo explicou alegoricamente um acontecimento histórico do Antigo Testamento, parece provável que aceitasse a possibilidade de aplicar em outros lugares o princípio da alegoria; no entanto, o fato de suas cartas não mostrarem nenhuma outra ilustração inconfundível de alegoria mostra que ele não sentiu que fosse cabível desenvolver o sentido alegórico das Escrituras, ou, o que é mais provável, que em geral ele ficava mais satisfeito em oferecer a seus leitores o sentido original simples do texto. (George H. GILBERT, *The interpretation of the Bible*, p. 82)

Com respeito ao uso do método por outros autores do Novo Testamento, Farrar conclui:

A melhor teoria judaica, purificada no cristianismo, toma literalmente os ensinamentos da velha dispensação, mas vê neles, como Paulo, a sombra e o germe de desenvolvimentos futuros. A alegoria, embora usada uma vez por Paulo a título de ilustração passageira, é desconhecida de outros apóstolos e jamais sancionada por Cristo. (FARRAR, op. cit., p. 217.)

Devemos observar cuidadosamente que em Gálatas 4.21-31 Paulo não está usando o método alegórico de interpretação do Antigo Testamento, mas está explicando uma alegoria. São duas coisas completamente diferentes. As Escrituras estão repletas de alegorias, sejam tipos, sejam símbolos, sejam parábolas. Esses são meios aceitos e legítimos de comunicar o pensamento. Não exigem um método alegórico de interpretação, que negaria o antecedente literal e histórico e usaria a alegoria apenas como trampolim para a imaginação do intérprete. Antes, exigem um tipo especial de hermenêutica que será considerado posteriormente. O uso de alegorias, entretanto, não é justificativa para o uso do método alegórico de interpretação. Conclui-se que o uso do Antigo Testamento em Gálatas seria um exemplo de alegoria e não justificaria a aplicação universal do método alegórico a toda a Escritura.

4. O segundo argumento para justificar o método alegórico é o uso que o Novo Testamento faz de tipos. Sabe-se que o Novo Testamento faz uma aplicação tipológica do Antigo. Com base nisso, argumenta-se que o Novo Testamento emprega o método alegórico de interpretação, afirmando-se que a interpretação e o uso de tipos constituem o método alegórico de interpretação. Allis argumenta:

Embora os dispensacionalistas sejam literalistas extremados, são também incoerentes. São literalistas ao interpretar profecia. Na interpretação da história, todavia, levam o princípio de tipificação a um extremo que raramente foi alcançado sequer pelo mais ardente alegorista. (ALLIS, op. cit., p. 21)

Em resposta à acusação de que interpretar tipos é utilizar o método alegórico, devemos enfatizar que a interpretação de tipos não é a mesma coisa que a interpretação alegórica. A eficácia do tipo depende da interpretação literal do antecedente literal. Para comunicar verdades no campo espiritual, com o qual não estamos familiarizados, é preciso haver instrução em um campo que conheçamos, de modo que, por meio da transferência de algo literalmente verdadeiro neste campo, possamos aprender o que é verdadeiro no campo anterior. É necessário haver um paralelismo literal entre o tipo e o antítipo para que o tipo tenha algum valor. Quem alegoriza o tipo jamais chegará à verdadeira interpretação. A única maneira de discernir o significado do tipo é pela transferência de idéias literais do campo natural para o espiritual. Chafer escreve corretamente:

No estudo de alegorias de várias espécies ou seja, parábolas, tipos e símbolos, o intérprete precisa ser cuidadoso para não tratar declarações claras das Escrituras segundo o que se exige da linguagem característica das expressões figuradas. Uma verdade já expressa merece ser repelida nesta altura: há toda a diferença do mundo entre interpretar uma alegoria das Escrituras, de um lado, e alegorizar uma passagem literal, de outro. (Rollin T. CHAFER, *The science of biblical hermeneutics*, p. 80.)

Conclui-se, assim, que o uso de tipos nas Escrituras não sanciona o método alegórico de

interpretação.

2 - O Método Literal

Em oposição direta ao método alegórico de interpretação encontra-se o método literal ou histórico-gramatical.

A definição do método literal. O método literal de interpretação é o que dá a cada palavra o mesmo sentido básico e exato que teria no uso costumeiro, normal, cotidiano, empregada de modo escrito, oral ou conceitual. (RAMM, op. cit., p. 53) Chama-se método histórico-gramatical para ressaltar o conceito de que o sentido deve ser apurado mediante considerações históricas e gramaticais. (Cf. Thomas Hartwell HORNE, *An introduction to the critical study and knowledge of the Holy Scriptures, I*, 322.)

Ramm define o método da seguinte forma:

O significado costumeiro e socialmente reconhecido de uma palavra é o sentido literal dessa palavra.

O sentido "literal" de uma palavra é o seu *significado básico, costumeiro, social*. O sentido espiritual ou oculto de uma palavra ou expressão é o que deriva do significado literal e dele depende para sua existência.

Interpretar literalmente significa nada mais, nada menos que interpretar sob o aspecto do *significado normal, costumeiro*. Quando o manuscrito altera seu significado, o intérprete imediatamente altera seu método de interpretação. (RAMM, op. cit., p. 64)

B. As evidências a favor do método literal. Podem-se apresentar fortes evidências em apoio ao método literal de interpretação. Ramm apresenta um resumo abrangente. Ele diz:

Em defesa da abordagem literal, podemos sustentar que

- a) O sentido literal das frases é a abordagem normal em todas as línguas [...]
- b) Todos os sentidos secundários de documentos, parábolas, tipos, alegorias e símbolos dependem, para sua própria existência, do sentido literal prévio dos termos [...]
- c) A maior parte da Bíblia tem sentido satisfatório se interpretada literalmente.
- d) A abordagem literalista não elimina cegamente as figuras de linguagem, os símbolos, as alegorias e os tipos; no entanto, se a natureza das frases assim exigir, ela se presta prontamente ao segundo sentido.
- e) Esse método é o único freio sadio e seguro para a imaginação do homem.
- f) Esse método é o único que se coaduna com a natureza da inspiração. A inspiração completa das Escrituras ensina que o Espírito Santo guiou homens à verdade e os afastou do erro. Nesse processo, o Espírito de Deus usou a linguagem, e as unidades de linguagem (como sentido, não como som) são palavras e pensamentos. O pensamento é o fio que une as palavras. Portanto, nossa própria exegese precisa começar com um estudo de palavras e de gramática, os dois elementos fundamentais de toda linguagem significativa. (Ibid., p. 54ss)

Visto que Deus concedeu Sua Palavra como revelação ao homem, teria de esperar que Sua

revelação fosse dada de forma tão exata e específica que Seus pensamentos pudessem ser comunicados e entendidos corretamente quando interpretados segundo as leis da linguagem da gramática. Tomada como evidência, essa pressuposição favorece a interpretação literal, pois um método alegórico de interpretação turva-ria o sentido da mensagem entregue por Deus ao homem. O fato de que as Escrituras continuamente remetem para interpretações literais e o que foi anteriormente escrito serve de prova adicional quanto ao método a ser empregado para interpretar a Palavra. Talvez uma das evidências mais fortes a favor do método literal seja o uso que o Novo

Testamento faz do Antigo. Quando o Antigo Testamento é usado no Novo, só o é em sentido literal. Basta estudar as profecias que foram cumpridas na primeira vinda de Cristo —em Sua vida, em Seu ministério e em Sua morte— para comprovar esse fato. Nem uma profecia sequer, dentre as que se cumpriram plenamente, foi cumprida de outro modo que não o literal. (Cf. FEINBERG, op. cit., p. 39) Embora possa ser citada uma profecia no Novo Testamento como prova de que certo acontecimento cumpre de modo parcial uma profecia (como em MT 2.17,18), ou para mostrar que um acontecimento está em harmonia com o plano preestabelecido de Deus (como em At 15), isso não torna necessário um cumprimento não literal nem nega um cumprimento completo no futuro, pois tais aplicações da profecia não exaurem o seu cumprimento. Portanto, essas referências à profecia não servem de argumentos a favor de um método não literal.

Com base nessas considerações, podemos concluir que há evidências de apoio à validade do método literal de interpretação. Outras evidências a favor do método literal serão apresentadas no estudo a seguir sobre a história da interpretação.

C. As vantagens do método literal. Há certas vantagens neste método que o tornam preferível em relação ao alegórico. Ramm resume algumas delas:

a) Baseia a interpretação *em fatos*. Procura estabelecer-se sobre dados objetivos — gramática, lógica, etimologia, história, geografia, arqueologia, teologia [...]

b) Exerce sobre a interpretação um controle semelhante ao que a experiência exerce sobre o método científico [...] *a justificação é o controle das interpretações*. Qualquer coisa que não se conforme aos cânones do método literal-cultural-crítico deve ser rejeitada ou vista com suspeita.

Além disso, esse método oferece a única fiscalização fidedigna para a constante ameaça de aplicar uma interpretação de duplo sentido às Escrituras [...]

c) Tem obtido o maior sucesso na exposição da Palavra de Deus. *A exegese não começou a sério até a igreja já ter mais de um milênio e meio de idade*. Com o literalismo de Lutero e de Calvino, a luz da Escritura literalmente se acendeu [...] Esse é o aclamado método da alta tradição escolástica do protestantismo conservador. É o método de Bruce, Lightfoot, Zahn, A. T. Robertson, Ellicott, Machen, Cremer, Terry, Farrar, Lange, Green, Oehler, Schaff, Sampey, Wilson, Moule, Perowne, Henderson Broadus, Stuart — para citar apenas alguns exegetas típicos. (RAMM, op. cit, p. 62-3)

Além dessas vantagens, podemos acrescentar que d) nos fornece uma autoridade básica por meio da qual interpretações individuais podem ser postas a prova. O método alegórico, que depende da abordagem racionalista do intérprete ou da conformidade a um sistema teológico predeterminado, deixa-nos sem uma verificação autorizada por base. No método literal, uma passagem da Escritura pode ser comparada a outra, pois, como Palavra de Deus, tem autoridade e é o padrão pelo qual toda verdade deve ser testada.

Com respeito a isso, podemos observar que e) o método nos livra tanto da razão quanto do misticismo como requisitos da interpretação. Não é necessário depender de treinamento ou de capacidade intelectual, nem do desenvolvimento de percepção mística, e sim da compreensão do que está escrito em sentido comumente aceito. Somente sobre esse fundamento o leitor médio pode compreender e interpretar as Escrituras por si mesmo.

D. O método literal e a linguagem figurada. Todos reconhecem que a Bíblia está repleta de linguagem figurada. Com base nisso, muitas vezes afirma-se que o uso de linguagem figurada exige interpretação figurada. Figuras de linguagem, no entanto, são usadas como meios de revelar verdades literais. O que é literalmente verdadeiro em determinado campo, com o qual estamos familiarizados, é transposto literalmente para outro campo, com o qual talvez não estejamos tão familiarizados, para nos ensinar alguma verdade nesse campo menos conhecido. Essa relação entre verdade literal e linguagem figurada é bem ilustrada por Gigot:

Se as palavras são empregadas em seu significado natural e primitivo, o sentido que expressam é o seu sentido *literal estrito*. Por outro lado, se são empregadas com um significado figurado e derivado, o sentido, embora ainda literal, é geralmente chamado *metafórico* ou *figurado*. Por exemplo, quando lemos em João 1.6 "Houve um homem [...] cujo nome era João", é óbvio que os termos ali empregados são tomados estrita e fisicamente, pois o escritor fala de um homem real, cujo nome real era João. Por outro lado, quando João Batista, apontando para Jesus, disse: "Eis o Cordeiro de Deus" (Jo 1.29), também é claro que ele não usou a palavra "cordeiro" no mesmo sentido literal estrito que teria excluído toda metáfora ou figura de linguagem e denotado um cordeiro *real*: o que ele queria imediata e diretamente comunicar, isto é, o sentido literal de suas palavras, é que no sentido derivado e figurado Jesus podia ser chamado "Cordeiro de Deus". No primeiro caso, as palavras foram usadas em sentido literal estrito; no segundo, em sentido metafórico ou figurado.

O fato de os livros das Sagradas Escrituras terem sentido literal (estrito ou metafórico, conforme explicado), isto é, sentido imediata e diretamente pretendido pelos escritores sacros, é uma verdade tão clara em si mesma e ao mesmo tempo tão universalmente aceita, que seria inútil insistir nela aqui [...] Será que alguma passagem das Sagradas Escrituras tem mais que um sentido literal? [...] todos admitem que, uma vez que os livros sagrados foram compostos por homens e para homens, seus autores naturalmente conformaram-se à mais elementar regra dos relacionamentos humanos; que exige que apenas um sentido preciso seja imediata e diretamente pretendido pelas palavras de quem fala OU de quem escreve... (Francis E. GIGOT, *General introduction to the study of the Holy Scriptures*, p. 386-7)

Craven afirma a mesma relação entre linguagem figurada e verdade literal:

Dentre os pares terminológicos escolhidos para designar as duas grandes escolas de exegetas proféticos, nenhum poderia ser mais infeliz que *literal* e *espiritual*. Esses termos não são antitéticos, nem retratam da maneira devida as peculiaridades dos respectivos sistemas para cuja caracterização são utilizados. São indiscutivelmente enganosos e tendenciosos. Literal não é antônimo de

espiritual, mas *de figurado*; *espiritual* está em antítese, por um lado, a *material* e, por outro, a *carnal* (num mau sentido). O (chamado) *literalista* não é quem nega o uso na profecia de *linguagem figurada* ou de *símbolos*; tampouco nega que grandes verdades *espirituais* se-jam ali propostas; sua posição é, simplesmente, que as profecias devem ser interpretadas *normalmente* (i.e., de acordo com as leis aceitas da Linguagem) como quaisquer outros pronunciamentos —considerando-se como tal qualquer que seja manifestamente figurado. Aposição dos chamados *espiritualistas* não é o que se entende estritamente pelo termo Espiritualista é quem afirma que, embora certas partes das profecias devam ser *normalmente* interpretadas, outras devem ser consideradas portadoras de sentido *místico* (i.e., com algum significado secreto). Assim, por exemplo, os chamados espiritualistas não negam que, quando o Messias é descrito como "varão de dores e homem que sabe o que é padecer", a profecia deve ser normalmente interpretada; todavia, afirmam que, quando se diz que Ele "virá com as nuvens do céu", essa linguagem deve ser "espiritualmente" (misticamente) interpretada [...] Os termos que expressam estritamente essas duas escolas são *normal* e *mística*. (John

Peter LANGE, *Commentary on the Holy Scriptures: Revelation*, p. 98.)

Observar-se-á, assim, que o literalista não nega a existência de linguagem figurada. Ele nega, todavia, que tais figuras devam ser interpretadas de modo que destruam a verdade literal pretendida pelo emprego das figuras. A verdade literal deve ser informada por meio dos símbolos.

E. Algumas objeções ao método literal. Allis aponta três objeções ao método literal de interpretação:

1) A linguagem da Bíblia muitas vezes contém figuras de linguagem. É o caso sobretudo da poesia [...] Na poesia dos Salmos, no estilo elevado da profecia e mesmo na simples narrativa histórica, surgem figuras de linguagem que obviamente não tinham o propósito de ser entendidas literalmente, e não podem sê-lo.

2) O grande tema da Bíblia é Deus e Seus atos redentores para com a humanidade. Deus é Espírito; os ensinamentos mais preciosos da Bíblia são espirituais, e essas realidades espirituais e celestiais são muitas vezes apresentadas sob a forma de objetos terrenos e relacionamentos humanos [...]

3) O fato de que o Antigo Testamento é ao mesmo tempo preliminar e preparatório ao Novo Testamento é tão óbvio que dispensa prova. Ao remeter os crentes de Corinto, a título de advertência, aos acontecimentos do Êxodo, o apóstolo Paulo declarou que aquelas coisas lhes haviam sobrevivido como "exemplos" (tipos). Isto é, prefiguravam coisas por vir. Isso confere a muito do que está no Antigo Testamento significância e importância especiais [...] Tal interpretação reconhece, à luz do cumprimento no Novo Testamento, um sentido mais profundo e muito mais maravilhoso nas palavras de muitas passagens do Antigo Testamento do que aquele que, tomadas em seus antecedentes veterotestamentários, elas parecem possuir. (ALLIS, op. cit, p. 17-8)

Em resposta ao primeiro desses argumentos, é necessário reconhecer o uso bíblico das figuras de linguagem. Como se ressaltou previamente, as figuras de linguagem podem ser usadas para ensinar verdades literais de maneira mais vibrante que as palavras

corriqueiras, mas nem por isso exigem interpretação alegórica. Com respeito ao segundo argumento, embora se reconheça que Deus é um ser espiritual, a única maneira pela qual Ele poderia revelar a verdade de um reino no qual ainda não entramos seria traçando um paralelo entre esse reino e o reino em que agora vivemos. Por meio da transferência de algo que é literalmente verdadeiro no reino conhecido para o reino desconhecido, este nos será revelado. O fato de Deus ser espiritual não exige interpretação alegórica. E preciso distinguir entre o que é espiritual e o que é espiritualizado. Por fim, com respeito à terceira objeção, embora se reconheça que o Antigo Testamento é preditivo, e que o Novo desenvolve o Antigo, a plenitude não é revelada no Novo por meio da alegorização do que é tipificado no Antigo; é revelada, isto sim, pelo cumprimento literal e pelo desenvolvimento da verdade literal dos tipos. Estes podem ensinar verdade literal, e o uso de tipos no Antigo Testamento não serve de apoio para o método alegórico de interpretação. Feinberg observa a propósito:

Os espiritualistas parecem pensar que, pelo fato de a revelação ter vindo gradativamente, quanto mais recentes forem a profecia ou o assunto revelado, mais valiosos são. A revelação gradativa não tem nenhuma força na determinação do método de interpretação [...] Além do mais, uma interpretação correta de 2Coríntios 3.6 não afeta em nada nossa posição. Quando Paulo diz "a letra mata, mas o Espírito vivifica", não está autorizando a interpretação espiritualizante das Escrituras. Se o literal mata, como é que

Deus nos dá Sua mensagem em tal forma? O sentido pretendido pelo apóstolo evidentemente é que a mera aceitação da letra, sem a obra do Espírito Santo a ela relacionada, conduz à morte. (FEINBERG, op. cit., p. 50.)

O Começo da Interpretação

É fato geralmente aceito por todos os estudiosos da história da hermenêutica que a interpretação começou por ocasião do retorno de Israel do exílio babilônico, sob a liderança de Esdras, conforme registrado em Neemias 8.1-8. Tal interpretação se fez necessária, primeira- mente, por causa do longo período da história de Israel em que a lei mosaica foi esquecida e negligenciada. A descoberta do esquecido "livro da lei" por Hilquias, durante o reinado de Josias, recolocou-a numa posição de destaque por breve período, apenas para ser novamente esquecida nos anos do exílio.(Cf F. W. FARRAR, *History of interpretation*, p. 47-8)

Fez-se necessária, também, porque durante o exílio os judeus substituíram a língua nativa, o hebraico, pelo aramaico. Quando voltaram à sua terra, as Escrituras haviam-se tornado ininteligíveis para eles.(Cf. Bernard KAMM, *Protestant biblical interpretation*, p. 27.)

Esdras teve de explicar ao povo as Escrituras, olvidadas e indecifráveis. Dificilmente poderíamos pôr em dúvida o fato de que a interpretação de Esdras do que estava escrito fosse literal.

A Interpretação Judaica do Antigo Testamento

Essa mesma interpretação literal foi característica marcante da interpretação do Antigo Testamento. Ao rejeitar o método estritamente literal de interpretação, Jerônimo "chama a interpretação literal de 'judaica', dando a entender que facilmente pode tornar-se herética, e re- petidas vezes afirma ser ela inferior à 'espiritual'".(FARRAR, op, cit, p 232) Aparentemente, na opinião de Jerônimo, método literal e interpretação judaica eram

sinônimos.

O rabinismo exerceu tamanho domínio sobre a nação judaica dada a união das autoridades sacerdotal e real numa única linhagem. O método empregado pelo rabinismo dos escribas não era alegórico, mas um método literal, que, em seu literalismo, esvaziava a lei de todos os seus requisitos espirituais. (cf. *ibid*, 60-1) Embora levasse a conclusões falsas, isso não era culpa do método literal, mas da aplicação errada do método pela exclusão de qualquer outra coisa que não fosse a letra nua do que estava escrito. Briggs, depois de resumir as treze regras que governavam a interpretação rabínica, diz:

Algumas das regras são excelentes e, tendo em vista a lógica prática da época, não podem ser questionadas. *O defeito da exegese rabínica não estava tanto nas regras quanto em sua aplicação*, embora não seja difícil descobrir falácias tácitas naquelas e embora não ofereçam proteção suficiente contra deslizes de argumento [grifo do autor]. (Charles A. Briggs, *General Introduction to the study of Holy Scripture*, p, 431)

Devemos concluir, a despeito de todas as falácias do rabinismo judaico, que os judeus seguiam um método literal de interpretação.

O Literalismo da Época de Cristo

A. O literalismo entre os judeus. O método dominante de interpretação entre os judeus na época de Cristo certamente era o literal. Horne apresenta assim a questão: A interpretação alegórica das Escrituras sagradas não pode ser historicamente provada como a que prevalecia entre os judeus a partir do cativeiro babilônico; tampouco se pode provar que tenha sido comum entre os judeus na época de Cristo e de Seus apóstolos.

Embora o Sinédrio e os ouvintes de Jesus muitas vezes recorressem no Antigo Testamento, jamais deram indício de adotar uma interpretação alegórica; mesmo Josefo jamais recorre a ela. Os judeus platônicos do Egito começaram, no primeiro século, em imitação aos gregos pagãos, a interpretar o Antigo Testamento alegoricamente. Filo de Alexandria destacou-se entre os judeus que praticavam esse método. Ele o defende como algo novo e até então desconhecido e, por essa razão, contestado por outros judeus. Jesus nunca esteve, portanto, numa situação em que fosse obrigado a adaptar-se a um costume dominante de interpretar alegoricamente as Escrituras. Tal método não era utilizado na época entre os judeus, certamente não entre os judeus da Palestina, onde Jesus viveu e ensinou. (Thomas Hartwell HORNE, *An introduction to the critical study and knowledge of the Holy Scriptures*, I, 324)

Os amilenaristas de nossos dias estão essencialmente de acordo com essa posição. Case, defensor ardoroso do amilenarismo, reconhece:

(Cf. Floyd HAMILTON, *The basis of millennial faith*, p. 38-9; Oswald T. ALLIS, *Prophecy and the church*, p. 258)

Sem dúvida os antigos profetas hebreus anunciaram o advento de um dia terrível do Senhor, em que a velha ordem de coisas passaria subitamente. Profetas posteriores predisseram um dia de restauração para os exilados, em que toda a natureza seria

milagrosamente modificada e um reino davídico ideal seria estabelecido. Os visionários de épocas seguintes retrataram a vinda de um reino divino verdadeiramente celestial, no qual os fiéis participariam das bênçãos milenares. Os primeiros cristãos esperavam em breve contemplar a Cristo voltando entre as nuvens, assim como o tinham visto subir aos céus literalmente [...] No que diz respeito a esse tipo de imagem, o milenarismo pode de forma bem justa alegar ser bíblico. Inquestionavelmente certos escritores bíblicos esperavam um fim catastrófico para o mundo. Retrataram os dias angustiosos que viriam imediatamente antes da catástrofe final, proclamaram o retorno visível do Cristo celestial e aguardaram ansiosamente a revelação da Nova Jerusalém.

B. O literalismo entre os apóstolos. Esse era o método empregado pelos apóstolos. Farrar afirma:

A melhor teoria judaica, purificada no cristianismo, toma literalmente os ensinamentos da velha dispensação, mas vê neles, como Paulo, a sombra e o germe de desenvolvimentos futuros. A alegoria, embora usada uma vez por Paulo a título de ilustração passageira, é desconhecida de outros apóstolos e jamais sancionada por Cristo. (FARRAR, op. cit., p. 217.)

O célebre estudioso Girdlestone escreveu em confirmação:

Somos levados a concluir que havia um método uniforme comumente aceito por todos os escritores do Novo Testamento na interpretação e na aplicação das Escrituras judaicas. É como se todos tivessem freqüentado a mesma escola e estudado com um único professor. Teriam freqüentado a escola rabínica? Seria para com Gamaliel, ou Hillel, ou qualquer outro líder rabínico que estavam em dívida? Todo conhecimento que se pode obter quanto ao modo de ensino vigente na época nega claramente essa hipótese. O Senhor Jesus Cristo, e nenhum outro, foi a fonte original do método. Nesse sentido, como em vários outros, Ele tinha vindo como luz para o mundo. (R. B. GIRDLESTONE, *The grammar of prophecy*, p. 86)

Briggs, por mais liberal que fosse, reconheceu que Jesus não usava os métodos dos de sua época, nem seguia as falácias de sua geração. Ele diz:

Os apóstolos e seus discípulos no Novo Testamento usam os métodos do Senhor Jesus, e não os dos homens de seu tempo. Os autores do Novo Testamento divergiam entre si nas tendências de seu pensamento [...] em todos eles, os métodos do Senhor Jesus predominavam sobre outros métodos e os enobreciam. (BRIGGS, op. cit., p. 443.)

Não foi necessário aos apóstolos adotar outro método para entender corretamente o Antigo Testamento; precisaram, isto sim, purgar o método existente de seus excessos nocivos.

Uma vez que a única citação alegórica do Antigo Testamento feita por autores do Novo Testamento é a explicação que Paulo faz da alegoria em Gálatas 4.24, e uma vez que já foi previamente demonstrado que há uma diferença entre explicar uma alegoria e utilizar o método alegórico de interpretação, devemos concluir que os autores do Novo Testamento interpretaram o Antigo Testamento literalmente.

A ascensão da alegorização

Uma imensidão de dificuldades cercava os escritores dos primeiros séculos. Não possuíam um cânon claramente definido, seja do Antigo, seja do Novo Testamento. Dependiam de uma tradução deficiente das Escrituras. Conheciam apenas as regras de interpretação impostas pelas escolhas rabínicas e, assim, tiveram de libertar-se da aplicação errônea do princípio literal de interpretação. Além disso, estavam cercados pelo paganismo, pelo judaísmo e por heresias de toda sorte.(FARRAR, op. cit., p. 164-5) Do meio desse labirinto surgiram três escolas exegéticas distintas no período patrístico posterior. Farrar afirma:

Os pais do terceiro século em diante podem ser divididos em três escolas exegéticas. Tais escolas são a *literal e realista*, representada predominantemente por Tertuliano; a *alegórica*, da qual Orígenes é o expoente máximo, e a *histórica e gramatical*,

que floresceu principalmente na cidade de Antioquia e da qual Teodoro de Mopsuéstia foi o líder reconhecido.(Ibid., p. 177)

Ao remontar às origens da escola alegórica, Farrar leva-nos até Aristóbulo, a respeito de quem escreve que sua

... obra foi de grande importância para a história da interpretação. Ele é um dos precursores a quem Filo recorreu, ainda que sem o identificar, e é o primeiro a enunciar duas teses que visavam a alcançar ampla aceitação e a produzir muitas conclusões falsas na esfera da exegese.

A primeira delas é a declaração de que a filosofia grega é tomada de empréstimo do Antigo Testamento, em especial da lei mosaica; a segunda afirma que todos os principais dogmas dos filósofos gregos, especialmente os de Aristóteles, podem ser encontrados em Moisés e nos profetas pelos que usam o método correto de investigação.(Ibid., p. 129)

Filo adotou esse conceito de Aristóbulo e procurou conciliar a lei mosaica com a filosofia grega, de modo que a primeira se tornasse aceitável à segunda. Gilbert diz:

[Para Filo] a filosofia grega era a mesma coisa que a filosofia de Moisés [...] E o objetivo de Filo era demonstrar e ilustrar essa harmonia entre a religião judaica e a filosofia clássica, ou, em última análise, tornar aceitável a religião judaica ao mundo grego instruído. Essa foi a elevada missão à qual ele se sentia chamado, o propósito pelo qual expôs as leis dos hebreus na linguagem secular da cultura e da filosofia.(George Holley GILBERT, *The interpretation of the Bible*, p. 37ss)

Para poder efetuar essa harmonização, foi necessário Filo adotar um método alegórico de interpretar as Escrituras.

A influência de Filo se fez sentir mais agudamente na escola teológica de Alexandria.

Farrar escreve:

Foi na grande escola catequética de Alexandria, fundada, segundo reza a tradição, por Marcos, que surgiu a maior escola de exegese cristã. Seu objetivo, semelhante ao de Filo, foi unir filosofia e revelação, e assim usar as jóias emprestadas do Egito

para adornar o santuário de Deus. Dessa forma, Clemente de Alexandria e Orígenes forneceram a antítese direta a Tertuliano e a Irineu [...]

O primeiro mestre da escola a galgar os degraus da fama foi o venerável Panteno, convertido do estoicismo, de cujos escritos apenas alguns fragmentos sobreviveram. Ele foi sucedido por *Clemente de Alexandria*, que, crendo na origem divina da filosofia grega, propôs abertamente o princípio de que toda a Escritura deveria ser entendida alegoricamente. (FARRAR, op. cit, p. 182-3.)

Foi nessa escola que Orígenes desenvolveu o método alegórico aplicado às Escrituras.

Schaff, testemunha isenta de idéias preconcebidas, resumiu a influência de Orígenes ao dizer:

Orígenes foi o primeiro a formular, em relação ao método alegórico aplicado pelo judeu platônico Filo, uma teoria formal de interpretação, a qual pôs em prática numa longa série de obras exegéticas, notáveis pela perícia e pelo engenho, mas esquiladas nos resultados de boa qualidade. Ele considerava a Bíblia um organismo vivo, que consistia em três elementos correspondentes ao corpo, à alma e ao espírito do homem, seguindo a

psicologia platônica.

De acordo com essa visão, ele atribuiu às Escrituras um sentido tríplice:

- 1) o sentido somático, literal ou histórico, fornecido diretamente pelas palavras, que serviam apenas de véu para uma idéia superior;
- 2) o sentido psíquico ou moral, que dava vida ao primeiro e servia de edificação

geral;

- 3) o sentido pneumático, ou místico e ideal, para os que se encontravam num

estágio mais avançado de conhecimento filosófico.

Na aplicação dessa teoria, Orígenes demonstra a mesma tendência de Filo, de eliminar a letra da Escritura pelo uso da espiritualização [...] e, em vez de extrair o sentido da Bíblia, introduz nela todo tipo de idéias estranhas e fantasias descabidas. Essa alegorização, no entanto, satisfazia o gosto da época e, com sua mente fértil e saber imponente, Orígenes serviu de oráculo exegético da Igreja primitiva até que sua ortodoxia veio a ser questionada. (Philip SCHAFF, *History of the Christian church*, n, 521)

Foi a ascensão do eclesiasticismo com o reconhecimento da autoridade da igreja sobre todas as questões doutrinárias, que deu o grande ímpeto para a adoção do método alegórico. Segundo Farrar, Agostinho foi o primeiro a fazer com que as Escrituras se conformassem à interpretação da igreja.

A exegese de Agostinho é marcada pelos mais gritantes defeitos

[...] Ele demonstrou a regra de que a Bíblia precisava ser interpretada tendo em vista a ortodoxia eclesiástica, e nenhuma expressão bíblica poderia estar em desacordo com alguma outra [...]

[...] De posse da antiga regra filônica e rabínica, repetida por tantas gerações, de que qualquer coisa nas Escrituras que parecesse heterodoxa ou imoral precisava ser interpretada misticamente, Agostinho introduziu confusão em seu dogma de inspiração sobrenatural das Escrituras ao admitir que havia muitas passagens "escritas pelo Espírito Santo" objetáveis quando tomadas em seu sentido evidente.

Ele também abriu as portas à imaginação arbitrária.(FARRAR, op. cit, p. 236-7)

E ainda:

... Quando o princípio da alegoria é aceito, quando começamos a demonstrar que passagens e livros inteiros da Escritura dizem algo que não querem dizer, o leitor é entregue de mãos amarradas aos caprichos do intérprete. Ele não pode estar seguro de coisa alguma, exceto do que lhe for ditado pela igreja, e em todas as eras a autoridade da "igreja" tem sido falsamente reivindicada pela presunçosa tirania das falsas opiniões dominantes. Nos dias de Justino Mártir e de Orígenes, os crentes foram impelidos a aceitar a alegoria por uma necessidade imperiosa. Era o único meio conhecido para enfrentar o choque que arrancara o evangelho das amarras do judaísmo. Eles a utilizaram para derrotar o literalismo tosco das heresias fanáticas, ou para conciliar os ensinamentos filosóficos com as verdades do evangelho. Nos dias de Agostinho, todavia, o método havia-se degenerado, transformando-se em mero método artístico de demonstrar engenhosidade e de apoiar o eclesiasticismo. Tinha sido transformado no recurso de uma perfídia que preferia não admitir, de uma ignorância que conseguia apreciar e de uma indolência que se recusava a solucionar as verdadeiras dificuldades abundantemente encontradas no livro sagrado [...]
[...| Infelizmente para a igreja, infelizmente para qualquer verdadeira compreensão das Escrituras, os alegoristas, a despeito de alguns protestos, foram completamente vitoriosos.(Ibid., p. 238)

O estudo acima deve deixar claro o fato de que o método alegórico não nasceu do estudo das Escrituras, mas de um desejo de unir a filosofia grega à Palavra de Deus. Não surgiu de um desejo de apresentar as verdades da Palavra, mas da determinação de pervertê-las. Não foi filho da ortodoxia, mas da heterodoxia.

Mesmo que Agostinho tenha sido bem-sucedido em injetar novo método de interpretação na corrente sangüínea da igreja, baseado no método origenista de perverter as Escrituras, havia quem naquela época ainda se apegasse ao método literal praticado no princípio. Na Escola de Antioquia havia homens que não seguiam o método introduzido pela Escola de Alexandria. Gilbert observa:

A respeito de Teodoro e de João, podemos dizer que avançaram em direção a um método científico de exegese, à medida que viram claramente a necessidade de apurar o sentido original das Escrituras para poder empregá-las com alguma valia. O simples fato de terem mantido esse alvo em mente foi uma grande conquista. Fez com que seu trabalho se destacasse fortemente quando comparado ao da escola alexandrina. A interpretação deles era extremamente simples e clara quando comparada à de Orígenes. Rejeitaram de todo o método alegórico.(GILBERT, op. cit, p. 137)

Com respeito ao valor, ao significado e à influência dessa escola, Farrar escreveu:

... a *Escola de Antioquia* tinha percepção mais profunda do verdadeiro método exegético do que qualquer escola que a precedeu ou sucedeu em mil anos [...] seu sistema de interpretação bíblica aproximou-se mais que qualquer outro do que agora é adotado pelas igrejas reformadas em todo o mundo e, se seus representantes não tivessem sido tão impiedosamente anatematizados pela língua

irada e esmagados pela mão de ferro da chamada ortodoxia dominante, o estudo de seus comentários e a adoção de seu sistema exegético poderiam ter salvado os comentários produzidos pela igreja de séculos de inutilidade e de erro [...]

[...]

Deodoro de Tarso precisa ser considerado o verdadeiro fundador da Escola de Antioquia. Homem de eminente saber e de consagração indiscutível; foi o professor de João Crisóstomo e de Teodoto de Mopsuéstia [...] Seus livros foram dedicados a exposição literal das Escrituras, e ele escreveu um tratado, hoje infelizmente perdido, "sobre a diferença entre a alegoria e a introvisão espiritual". No entanto, o mais capaz, o mais decidido e o mais lógico representante da Escola de Antioquia foi *Teodoro de Mopsuéstia* (morto em 428). Esse original e claro pensador destaca-se "como uma rocha no pântano da exegese antiga" [...]

[...] Ele era uma voz, não um eco; uma voz em meio a milhares de ecos que apenas repetiam os mais vazios sons. Ele rejeitou as teorias de Orígenes, mas aprendeu deste a importância indispensável da atenção aos pormenores lingüísticos, especialmente ao comentar o Novo Testamento. Ele presta atenção cerrada a partículas, modos, preposições e terminologia em geral. Ele aponta as idiossincrasias [...] do estilo de Paulo [...] É talvez o escritor mais antigo que dá atenção suficiente à questão hermenêutica, como, por exemplo, em suas introduções às Epístolas de Efésios e de Colossenses [...] Seu mérito maior é a constante tentativa de estudar cada passagem como um todo, e não como "um amontoado de textos desconexos". Ele primeiro considera a sequência de pensamento, depois examina a fraseologia e as orações independentes e por fim oferece uma exegese que muitas vezes é brilhantemente característica e profundamente sugestiva. (FARRAR, op. cit., p. 213-5)

Teríamos uma história da hermenêutica bastante diferente se o método da escola de Antioquia tivesse prevalecido. Infelizmente para a interpretação sadia, prevaleceu o eclesiasticismo da igreja oficial, que dependia do método alegórico para manter sua posição, e a posição da escola de Antioquia foi condenada como herética.

A Idade Média

Como se poderia esperar da tendência geral do período, não houve esforço para interpretar as Escrituras de maneira exata. Os princípios de interpretação herdados permaneceram inalterados. Berkhof observa:

Neste período, o quádruplo sentido da Escritura (literal, tropológico [metafórico], alegórico e analógico) era geralmente aceito, e tornou-se princípio estabelecido que a interpretação da Bíblia tinha de adaptar-se à tradição e à doutrina da Igreja (Louis BERKHOF, Princípios de interpretação bíblica, p. 26.)

As sementes do eclesiasticismo semeadas por Agostinho haviam produzido fruto, e o princípio de conformidade à igreja estava firmemente arraigado. Farrar resume todo o período ao declarar:

... somos forçados a dizer que, durante a Idade Média, do século VII ao século XII, e durante o período escolástico, do século XII ao século XVI, apenas alguns,

dentre os muitos que labutaram nesse campo, adicionaram algum princípio essencial ou ofereceram contribuição original à tarefa de explanar a Palavra de Deus. Durante esses nove séculos, encontramos muito pouco além "dos últimos lampejos e da degeneração" da exegese patrística. Grande parte do saber ainda existente foi dedicada a algo que tinha por objetivo a exegese, e, no entanto, entre as centenas de autores, nenhum escritor conseguiu demonstrar uma concepção verdadeira do que a exegese de fato significa. (FARRAR, op. cit., p. 245)

O Período da Reforma

É somente com a chegada da Reforma protestante que podemos achar algum traço de exegese sadia. Todo o movimento da Reforma pode ser tido como o resultado de um retorno ao método literal de interpretação das Escrituras. Esse movimento começou com uma série de precursores cuja influência conduziu outros de volta ao método original de interpretação, o literal. Segundo Farrar:

Lorenzo Valia, cônego da igreja de São João Laterano [...] é um dos elos principais entre o Renascimento e a Reforma. Ele havia [...] aprendido com o reavivamento dos estudos clássicos que as Escrituras deveriam ser interpretadas segundo as leis gramaticais e de linguagem. (Ibid., p. 312-3)

Erasmus de Roterdã é considerado outro elo, uma vez que sublinhou o estudo dos textos originais das Escrituras e lançou o alicerce da interpretação gramatical da Palavra de Deus. Ele, segundo Farrar, pode ser considerado "o principal iniciador da moderna crítica bíblica e textual. Merece ocupar para sempre um lugar de honra entre os intérpretes da Escritura". (Ibid., p. 320)

Os tradutores, que tanto fizeram para acender a chama da Reforma, foram motivados por um desejo de entender a Bíblia literalmente. Com respeito a esses primeiros tradutores, Farrar afirma:

Wycliff, na verdade, fez a importante observação de que "todo erro no conhecimento das Escrituras e a fonte de sua deturpação e falsificação por pessoas incompetentes resumem-se no desconhecimento da gramática e da lógica". (Ibid., p. 278-9)

Quanto a Tyndale, ele escreve:

"Podemos tomar similitudes ou alegorias de empréstimo às Escrituras", diz o grande tradutor William Tyndale, "e aplicá-las a nossos propósitos, alegorias essas que não constituem o sentido das Escrituras, mas assuntos livres além das Escrituras, na plena liberdade do Espírito. Tal alegoria nada prova; é mero símile. Deus é espírito e todas as Suas palavras são espirituais, e *Seu sentido literal é espiritual*". "Quanto a esses sentidos espirituais", diz Whitaker, oponente de Bellarmine, "certamente é tolice dizer que há tantos sentidos nas Escrituras quanto as palavras forem capazes de transferir e de ajustar. Pois, embora as palavras possam ser aplicadas ou conciliadas metafórica, anagógica e alegoricamente, *ou em qualquer outra maneira, não há nelas, por isso, vários sentidos, várias interpretações, nem há várias interpretações das Escrituras, senão apenas um, e este é o sentido literal*, que pode ser conciliado de formas

variadas e a partir do qual muitas coisas podem ser coletadas". (Ibid., p. 300)

Briggs, que certamente não defende a interpretação literal da Palavra, cita o próprio Tyndale quando diz:

Tu entenderás, portanto, que a Escritura tem apenas um sentido, que é o sentido literal. E esse sentido literal é a raiz e a base de tudo, a âncora que jamais falha, por meio da qual, se a ela te apegares, jamaiserrarás ou te desviarás do caminho. Se, todavia, abandonares o sentido literal, não tens como evitar desviar-te do caminho. No entanto, a Escritura usa provérbios símiles, enigmas e alegorias, tal como outros escritos; aquilo, porém, que o provérbio, o símile, o enigma ou a alegoria significam baseia-se no sentido literal, que deves buscar diligentemente...^(BRIGGS, op. cit., p. 456-7)

Os alicerces da Reforma foram lançados no retorno ao método literal de interpretação.

No período da Reforma propriamente dito, dois nomes se destacam entre os expoentes das verdades da Escritura: Lutero e Calvino. Ambos se caracterizam por sua insistência no uso do método literal de interpretação.

Lutero diz: "Cada palavra deve ter o direito de conservar seu sentido natural, e este não deve ser abandonado a não ser que a fé nos force a isso [...] É uma das qualidades da Escritura Sagrada o fato de se auto-interpretar por passagens associadas por natureza, as quais só podemos entender pela aplicação da regra da fé". (Ibid)

O fato de que Lutero advogava o que hoje conhecemos por método histórico-gramatical é observado em seus próprios escritos.

... Em seu prefácio ao comentário de Isaías (1528) e em outras partes de seus escritos, Lutero demonstra o que considera as verdadeiras regras de interpretação das

Escrituras. Ele insiste 1) no caráter indispensável do conhecimento gramatical; 2) na importância de levar em conta tempos, circunstâncias e condições; 3) na observação do contexto; 4) na necessidade de fé e de iluminação espiritual; 5) na conservação do que ele chamou "proporção da fé" e 6) na menção de toda Escritura a Cristo. (FARRAR, op. cit., p. 331-2)

Tão grande era o desejo de Lutero não apenas de dar ao povo a Palavra de Deus, mas de ensinar o povo a interpretá-la, que estabeleceu as seguintes regras de interpretação:

- i. A primeira delas era a suprema e irrefutável autoridade das próprias Escrituras, à parte de toda autoridade ou interferência eclesiástica [...]
- ii. Segundo, ele afirmou não só a suprema autoridade mas a *suficiência* da Escritura [...]
- iii. Como todos os outros reformadores, ele pôs de lado a mentira estéril do sentido quádruplo [...] "O sentido literal, e apenas ele", disse Lutero, "é a essência total da fé e da teologia cristã". "Tenho observado que todas as heresias e erros se originaram não das simples palavras da Escritura, mas de negligenciar as simples palavras da Escritura, e da afetação de metáforas e inferências [...] puramente

subjativos." "Nas escolas dos teólogos é uma regra bem conhecida que a Escritura deve ser entendida de quatro maneiras: literal, alegórica, moral e anagógica. No entanto, se quisermos tratar corretamente as Escrituras, nosso único esforço será obter *"unum, simplicem, germanum, et certium sensum literalem"*. "Cada passagem tem um sentido claro, definido e verdadeiro que lhe é peculiar. Todos os demais são opiniões duvidosas e incertas."

iv. Quase não precisamos dizer, portanto, que Lutero, como a maioria dos reformadores, rejeitava a validade da alegorização. Ele negava totalmente a alegação de que se tratava de interpretação *espiritual*.

v. Lutero também sustentava a natureza compreensível da Escritura... Algumas vezes ele se aproximava do dito moderno de que "a Bíblia deve ser interpretada como qualquer outro livro".

vi. Lutero sustentava, com todo o vigor, e quase pela primeira vez na história, o absoluto e inalienável *direito à opinião pessoal* com respeito às Escrituras, o qual, ao lado do sacerdócio espiritual de todos os crentes, reside na base de todo o protestantismo. (Ibid., p. 325-30)

Calvino ocupa um lugar inigualável na história da interpretação. A respeito dele, Gilbert escreve:

.. Pela primeira vez em mil anos ele ofereceu um exemplo conspícuo de exposição *não-alegórica*. E preciso voltar no tempo até as melhores obras da escola de Antioquia para encontrar rejeição tão intensa do método de Filo quanto a que oferece Calvino. Interpretações alegóricas que haviam sido propostas na igreja primitiva e endossadas por expositores ilustres em todos os séculos seguintes, como a interpretação da arca de Noé e da túnica inconsútil de Cristo, são descartadas como lixo. Esse fato, por si só, ofereceria permanente e distinta honra à obra exegética de Calvino. O que o levou a rejeitar a interpretação alegórica como algo particularmente satânico, fosse sua formação jurídica em Orléans e em Bourges, fosse sua percepção espiritual, é impossível dizer, mas o fato é claro e constitui a marca mais notável de sua interpretação. (GILBERT, op. cit., p. 209)

Calvino afirma sua posição muito claramente. No comentário a Gálatas, ele escreve: "Saibamos, portanto, que o verdadeiro sentido da Escritura é o sentido natural e evidente;

abracemo-lo e permaneçamos nele resolutamente". (John CALVIN, *Commentary on Galatians*, p. 136, ap. Gerrit H. HOSPERS, *The principle of spiritualization in hermeneutics*, p. 11) No prefácio a *Romanos*, Calvino diz: "A primeira ocupação de um intérprete é permitir que seu autor diga o que quer dizer, em vez de atribuir ao autor o que pensa que deve dizer". (Ap. FARRAR, op. cit., p. 347) Com respeito à contribuição de Calvino, Schaff escreveu:

Calvino é o fundador da exegese histórico-gramatical. Ele defendeu e praticou o sadio princípio hermenêutico de que os autores bíblicos, como todos os escritores sensatos, desejavam transmitir a seus leitores um pensamento definido em palavras que os leitores fossem capazes de entender. Uma passagem pode ter sentido literal ou figurado; não pode, todavia, ter os dois sentidos ao mesmo tempo. A Palavra de Deus é inesgotável e aplicável a todas as épocas, mas há uma diferença entre explicação e aplicação, e a aplicação deve ser coerente com a explicação. (Philip SCHAFF, ap. HOSPERS, op. cit., p. 12.)

Com respeito ao período como um todo, Farrar escreveu:

... os reformadores deram um vigoroso impulso à ciência da interpretação bíblica. Tornaram a Bíblia acessível a todos; dilaceraram e lançaram aos ventos as densas teias da tradição arbitrária, tecidas havia muitos séculos sobre cada livro e sobre cada passagem das Escrituras; colocaram os apócrifos num nível definitivamente inferior ao ocupado pelos livros sagrados; estudaram cuidadosamente as línguas originais; desenvolveram o sentido normal, literal e usaram-no para fortalecer e revigorar a vida espiritual. (FARRAR, op. cit, p. 357.)

Gilbert resume:

... Deve-se dizer, para crédito do período que estamos estudando, que o tipo comum de exegese nele praticada valorizou o sentido literal do texto. As palavras de Richard Hooker (1553-1600) têm ampla aplicação a todo o período. "Considero", disse ele, "a mais infalível regra de exposição das Sagradas Escrituras que, quando uma construção literal faz sentido, quanto mais o intérprete se afastar da letra do texto, tanto pior será sua interpretação. Nada há mais perigoso que essa arte ilusória que muda o sentido das palavras como a alquimia se propunha a efetuar com a substância dos metais, fazendo de qualquer coisa o que bem entende, e reduzindo, por fim, toda a verdade a absolutamente nada." Em geral, o exemplo de Calvino de rejeitar a interpretação alegórica foi seguido pelos principais teólogos e peritos dos dois séculos seguintes. (GILBERT, op. cit., p. 229-30)

Se alguém deseja voltar aos reformadores para estabelecer sua teologia, precisa também aceitar o método de interpretação sobre o qual repousa a teologia dos reformadores.

O Período Pós-Reforma

O período que se seguiu à Reforma foi marcado pela ascensão de homens que seguiram de perto os passos dos próprios reformadores na aplicação do método literal ou histórico-gramatical de interpretação. Farrar escreve:

... Se Lutero foi o profeta da Reforma, *Melâncton* foi o mestre [...] *Zuínglio*, com absoluta independência, havia chegado a opiniões sobre esse assunto que concordavam, em todos os aspectos essenciais, com as de Lutero

[...] Uma vasta quantidade de expositores da Reforma lutaram por espalhar as verdades com que tinham entrado em contato por meio dos reformadores suíços e alemães. Bastará aqui mencionar os nomes de Ecolampádio (1581), Bucer (1551), Brenz (1570), Bugenhagen (1558), Musculus (1563), Camerário (1574), Bullinger (1575), Chemnitz (1586) e Beza (1605). Entre todos esses havia um acordo geral de princípios: rejeição aos métodos escolásticos, recusa em reconhecer a dominação exclusiva da autoridade patrística e da tradição da Igreja Romana; repúdio ao até então dominante sentido quádruplo; bloqueio contra a alegoria; estudo das línguas originais; atenção cerrada ao sentido literal; crença na natureza compreensível e suficiente da Escritura; estudo da Escritura como um todo e remissão de todo o seu conteúdo a Cristo...

(FARRAR, op., cit., p. 342)

Poderíamos esperar, uma vez que o alicerce para o método literal de interpretação já se havia assentado, que testemunharíamos pleno crescimento da exegese das Escrituras com base em tal alicerce. No entanto, a história da interpretação revela tamanha adesão a credos e a interpretações eclesiásticas, que houve pouco progresso na interpretação sadia das Escrituras durante esse período. (Cf, *ibid*, p.358-9) Apesar disso, datam da época exegetas e peritos como John Koch, professor em Leyden (1669), John James Wetstein, professor em Basiléia (1754), que advogava que os mesmos princípios de interpretação válidos aos livros se aplicavam também à Escritura, John Albert Bengel (1752) e outros que adquiriram renome por suas contribuições para a crítica e a exposição bíblica, os quais prepararam o caminho para exegetas mais recentes como Lightfoot, Westcott, Ellicott e outros.

Um homem de grande influência na sistematização do método literal de interpretação foi John Augustus Ernesti, a respeito de quem Terry escreve:

Talvez o nome mais proeminente na história da exegese no século XVIII seja o de John Augustus Ernesti, cuja obra *Institutio interpretis Nove Testamenti* (Leipzig, 1761), ou *Princípios de interpretação do Novo Testamento*, foi aceita como compêndio de hermenêutica por quatro gerações de estudiosos bíblicos. "Ele é considerado", diz Hagenbach, "o fundador de uma nova escola exegetica, cujo princípio era simplesmente que a Bíblia deve ser rigidamente explicada de acordo com sua própria linguagem e, nessa explicação, não pode ser subornada nem pela autoridade externa da igreja, nem por nossas próprias sensações, nem por caprichos alegóricos e irreverentes — algo freqüente entre os místicos— nem, finalmente, por sistema filosófico algum". (Milton S. TERRY, *Biblical hermeneutics*, p. 707.)

A seguinte declaração de Horácio Bonar é considerada uma síntese do princípio exegetico que veio a ser o alicerce de toda a verdadeira interpretação das Escrituras. Ele diz:

... Sinto maior certeza quanto à interpretação literal de toda a Palavra de Deus — histórica, doutrinária e profética. "Literal, se possível" é, creio eu, a única máxima que o conduzirá com sucesso por toda a Palavra de Deus, do Gênesis ao Apocalipse. (Ap. GIRDLESTONE, Op. cit., p. 179.)

A despeito das algemas que o dogmatismo e o credalismo procuraram impor à interpretação, emergiram desse período certos princípios sadios de interpretação que se tornaram a base das grandes obras exegeticas dos séculos seguintes. Esses princípios foram bem resumidos por Berkhof:

O começo deste período foi marcado pelo aparecimento de duas escolas opostas — a Gramatical e a Histórica.

1) A Escola Gramatical — Esta escola foi fundada por Ernesti, que escreveu importante trabalho sobre a interpretação do Novo Testamento, no qual estabelece quatro princípios: (a) O sentido múltiplo da Escritura deve ser rejeitado, e somente se deve conservar o sentido literal; (b) as interpretações alegóricas devem ser abandonadas, exceto nos casos em que o autor indique o que deseja, a fim de se combinar com o sentido literal;

(c) visto que a Bíblia tem o sentido gramatical em comum com outros livros, isto deve ser considerado em ambos os casos; (d) o sentido literal não pode ser determinado por um suposto sentido dogmático.

A Escola Gramatical era essencialmente supernaturalista, prendendo-se "às palavras do texto como legítima fonte de interpretação autêntica da verdade religiosa" (Elliott). Mas esse método era unilateral porque servia exclusivamente a uma pura e simples interpretação do texto, que nem sempre é suficiente na interpretação da Bíblia. (BERKHOF, op. cit., p. 36-7)

Ao resumir a história da hermenêutica, devemos observar que toda interpretação bíblica começou com a interpretação literal de Esdras. Esse método literal veio a ser o método básico do rabinismo. Foi o método aceito e usado pelos autores do Novo Testamento na interpretação do Antigo Testamento., e foi assim usado pelo Senhor e por Seus apóstolos. Os pais da Igreja utilizaram o método literal até o tempo de Orígenes, quando se adotou o método alegórico, criado para harmonizar a filosofia platônica com as Escrituras. A influência de Agostinho trouxe o método alegórico para a igreja instituída e pôs fim a toda a exegese correta. Tal sistema continuou até a Reforma, ocasião em que o método literal de interpretação foi firmemente estabelecido e, a despeito de tentativas dos diversos segmentos da igreja de ajustar toda a interpretação a algum credo adotado, a interpretação literal permaneceu e tornou-se a base sobre a qual repousa toda a exegese correta.

Conclui-se, com base no estudo da história da hermenêutica, que o método original e aceito de interpretação bíblica foi o método literal, usado pelo Senhor, o maior de todos os intérpretes, e que outros métodos foram introduzidos para promover heterodoxia. Portanto, o método literal deve ser aceito como o método básico de interpretação sadia em qualquer campo de doutrina hoje.